

RUÍDOS NA COMUNICAÇÃO ENTRE A CONTABILIDADE E OS SEUS USUÁRIOS

CRISTIANE BALBINA PEREIRA DE ARAUJO DIAS
PREFEITURA MUNICIPAL DE FEIRA DE SANTANA

IRACEMA RAIMUNDA BRITO DAS NEVES
FUNDAÇÃO VISCONDE DE CAIRU

JOSÉ RENATO SENA OLIVEIRA
FUND. VISC. CAIRU, UNIV. EST. FEIRA DE SANTANA E ESCOLA NEGÓCIOS EST.
DA BAHIA

ANTONIO LOPO MARTINEZ
FUNDAÇÃO VISCONDE DE CAIRU

RESUMO

A informação contábil tem sido objeto de diversos estudos com a finalidade de diminuir as distorções de entendimento causadas pela má qualidade da comunicação estabelecida entre a Contabilidade e os seus usuários. Os ruídos presentes na comunicação, tais como a terminologia contábil inadequada, a quantidade de informação divulgada, às vezes em excesso, às vezes insuficiente, a falta de capacidade de entendimento por parte dos usuários e o uso de expressões e termos em outros idiomas, dificultam este processo comunicacional. Neste sentido, algumas características qualitativas da informação são recomendadas pela ONU para que este processo seja mais completo, que são a comparabilidade, a confiabilidade, a compreensibilidade e a relevância. Além disto, têm sido desenvolvidos estudos no campo taxionômico com o objetivo de estabelecer a classificação adequada dos termos utilizados na divulgação das informações contábeis, com vistas a reduzir tais distorções. O presente estudo apresenta, a partir de uma revisão bibliográfica que descreve o estado da arte, algumas considerações sobre os ruídos presentes na comunicação contábil e alguns esforços realizados para conseguir maior fidelidade neste processo.

PALAVRAS-CHAVE

Informação contábil, ruídos na comunicação, fidelidade na comunicação.

INTRODUÇÃO

No mundo moderno, o saber pressupõe o conhecimento da técnica, logo, a capacidade de assimilar e compreender os signos e a linguagem que compõem uma mensagem é condição indispensável para influenciar ações e comportamentos acertados no mundo dos negócios.

O próprio contexto social vigente justifica a necessidade das ciências canalizarem uma maior preocupação para com a qualidade da informação compartilhada. Os estudos realizados

neste sentido corroboram o grau de importância da observação dos elementos componentes do processo de comunicação, que são o emissor, a mensagem, o canal de comunicação e o receptor.

Para isto, é necessário que se perceba o que é saber e/ou conhecer: entende-se que, para se operar o conhecimento sobre a realidade, é imprescindível a presença da linguagem, pois é por meio desta que se pode conhecer e trazer para o sujeito a compreensão do objeto.

Neste contexto do “conhecer”, deve-se entender a teoria do conhecimento como uma explicação ou interpretação filosófica do conhecimento humano. O dualismo sujeito/objeto pertence à essência do conhecimento. Conhecer é interiorizar o objeto, retirando deste a intuição de cada um, ou seja, sua peculiar noção de essência, de valor e de existência.

No processo de conhecimento do objeto ganha destaque a função da linguagem, que é elemento crucial para a formalização do objeto. Na essência, qualquer conhecimento da realidade pressupõe linguagem. A propósito, afirma Ludwig Wittgenstein: “Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo”. Nesta linha de pensamento, a linguagem surge como forma de transformar a realidade efetiva em realidade conceitual, constituindo o instrumento e recurso para a obtenção desse conhecimento.

Neste sentido, o presente estudo busca investigar como os ruídos presentes na comunicação comprometem o processo comunicacional entre a contabilidade e os seus usuários, considerando a linguagem utilizada neste. Para tanto, apresenta-se, a partir de uma revisão bibliográfica que descreve o estado da arte, tecer considerações sobre tais ruídos presentes na comunicação contábil, bem como esforços realizados para conseguir maior fidelidade neste processo.

O PROCESSO DA COMUNICAÇÃO

O homem, enquanto ser social, sempre usou a comunicação como forma de estabelecer relações e evoluir a cada período da história, conforme comenta Berlo (1997, p. 15): “nos dias de nossos avós, a maior parte das pessoas ganhavam a vida manipulando coisas, não manipulando símbolos”. O autor aponta ainda: “na indústria, a revolução tecnológica e o autodesenvolvimento da força operária levaram a maior confiança nos símbolos e menos nas coisas” e isto ocorre quando se emite ou se recebe uma mensagem, pois se estabelece uma interface com outrem, cujo processo é denominado comunicação e pode ser realizado por meio de gestos, símbolos, fala, além de outros mecanismos.

No entanto, o ponto principal não se centra em questionar a importância da comunicação, mas a qualidade da informação compartilhada entre quem a emite e quem a recebe. Para garantir esta qualidade, é necessário bem observar os elementos constitutivos do processo comunicacional que são: a fonte, o codificador, a mensagem, o canal, o decodificador e o receptor.

Fonte – é o elemento de onde se origina a comunicação;

Codificador – é o construtor da mensagem, a qual é a expressão do objetivo;

Canal – meio de transmissão da mensagem;

Decodificador – mecanismo utilizado para assimilação da mensagem; e

Receptor – indivíduo a quem a mensagem se destina.

A seguir, descreve-se como acontece o processo comunicacional:

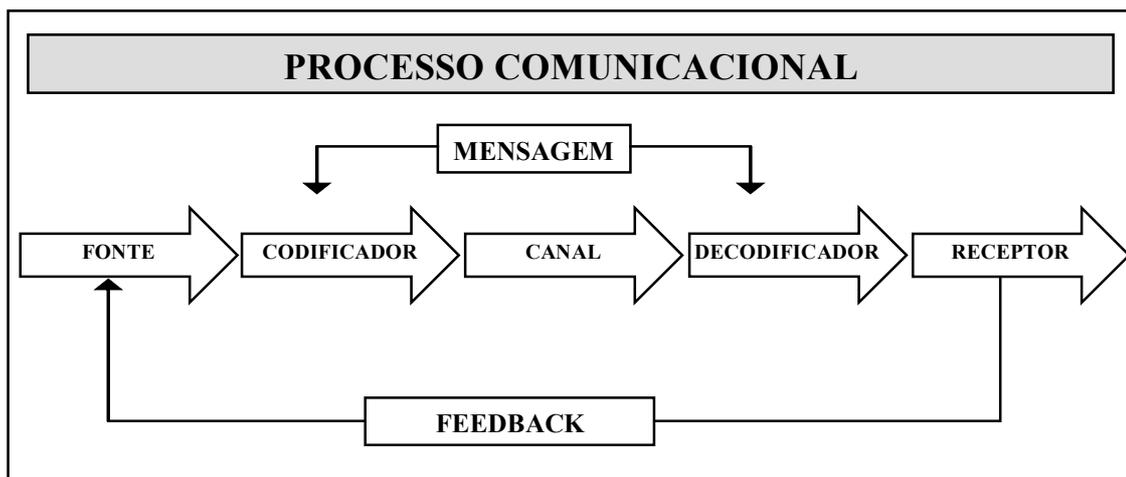


Figura 1 – Processo Comunicacional.

Fonte: Adaptado pelos autores.

Um dos principais fatores que afetam a comunicação são as interferências conhecidas como “ruídos” no processo comunicacional. Se este fosse destituído de ruídos (problemas de comunicação), poderia se afirmar que o *feedback* (ação após o conhecimento da mensagem) resultante do processo seria o mais eficiente e completo, contudo, a realidade aponta discrepâncias quanto ao nível desejável de comunicação.

A este respeito, Soares (1995, p. 32) aponta que “quando não se presta bastante atenção aos interesses do receptor numa comunicação, ela certamente não se processará de maneira eficiente”.

Deve-se ter em mente que todos os elementos do processo de comunicação influenciam-se mutuamente, independente da área de conhecimento onde é utilizado e, desta forma, a existência interdependente destes elementos na comunicação estabelecida é condição *sine qua non* para fundamentar as atitudes e/ou decisões que o sucedem.

Para Berlo (1997, p.49), “ruído e fidelidade são duas faces da mesma moeda. A eliminação do ruído aumenta a fidelidade; a produção de ruído reduz a fidelidade...”. O autor aponta ainda: “ruído é o que tínhamos quando a comunicação não funcionava e a fidelidade é o que tínhamos quando funcionava”. Assim, pode-se afirmar que há uma proporcionalidade inversa entre estes dois elementos: ruído e fidelidade, pois, à medida que se verifica o aumento do ruído, por exemplo, a fidelidade da comunicação fica mais comprometida e a recíproca também verdadeira.

Entre o final do século XIX e o início do século XX surge um ramo do conhecimento que se dedica a estudar os símbolos e o significado destes no processo comunicacional e na própria linguagem: a Semiótica.

Por ter como objeto de estudo os símbolos, a Semiótica pode ser considerada como a ciência dos signos, ou seja, uma teoria geral dos significados incutidos nas idéias de cada texto, o qual, nesta acepção, é uma expressão cultural verbal, imagética ou sincrética,

... sempre nos remetemos ao texto como qualquer produção cultural, produção que resulte em um sentido, onde encontramos formas empíricas do uso da linguagem verbal, não verbal, oral, escrita e/ou outros sistemas. Nesse caso, podemos ler o homem, uma imagem sincrética (que mistura imagem com linguagem textual – propagandas) como texto – produtores de sentido – enfim, podemos ler o mundo como um sistema semiótico. (PEIRCE, 2003).

Assim, é coerente afirmar que a Semiótica estuda toda e qualquer linguagem formadora dos sistemas sociais e históricos representantes do mundo.

Conforme Peirce (2003), Signo é “tudo aquilo que proporciona uma relação tripla” entre o objeto (fato), interpretante (entendimento que alguém abstrai do fato) e o *representâmen* (corpo do signo em si).

A busca do significado origina-se no esforço que o homem faz, desde os primórdios da civilização, para compreender o mundo que o cerca e constitui-se num processo que forma e modifica os discursos, as práticas sociais e registros escritos que integram a rede de relações humanas, tal processo é denominado significação.

A Teoria da Comunicação aliada à Semiótica se encarrega de focar o próprio ato comunicativo e tem servido como suporte e ferramenta a estudos de aplicação da comunicação em outras áreas do conhecimento.

A semiótica ou semiologia (do grego *semeion*, sinal) – a mais jovem das ciências humanas – é a teoria ou ciência geral dos sinais, sejam eles línguas, códigos ou sinalizações. Como ensina Charles Morris, ela é ao mesmo tempo, uma “ciência” e um “instrumento” das ciências, pois dá base comum a todas as ciências particulares dos sinais, tais como a lingüística, a lógica, a matemática, a retórica e a estética. Os sinais podem ser visuais, auditivos, tácteis, olfativos ou gustativos, e dão origem às diversas modalidades de comunicação”. (MONTORO, 2002).

A Semiótica, conhecida como a ciência dos signos, estuda os sistemas sîgnico sob três pontos de vista: o *sintático*, que estuda as relações dos signos entre si, o *semântico*, que tem por objeto o vínculo do signo com a realidade que ele exprime, e o *pragmático*, que examina a relação entre os signos.

Segundo Montoro (2002):

1. a “semântica”, do grego “*semainô*” (significar), que estuda a relação entre o sinal e o objeto que ele significa, é o estudo das significações das palavras; os dicionários são repertórios dessas significações;
2. a “sintática”, do grego “*syntaktikós*” (que põe em ordem), estuda as relações estruturais, isto é, a concatenação dos sinais entre si, sejam eles palavras, símbolos, etc.; podemos falar em conexão ou concatenação gramatical, lógica e sistemática: 1. conexão léxica ou gramatical, entre palavras numa frase; por exemplo “os homens morreu” é um erro de sintaxe; 2. concatenação lógica, entre duas expressões dentro de um contexto; e 3. concatenação sistemática, dentro de um todo orgânico;
3. a “pragmática”, do grego “*pragmatikós*” (relativo aos atos que se praticam ou se devem praticar), é a parte da semiótica que estuda a relação entre os sinais e as pessoas que os utilizam, o emissor e o receptor; a pragmática envolve as questões de comunicação entre emissores e receptores.

Neste sentido, Dias Filho e Nakagawa (2001) ressaltam: “como a Semiótica se ocupa do estudo de todos os tipos de linguagem e a Teoria da Comunicação define parâmetros para se avaliar o ato comunicativo, sugere-se que tais disciplinas podem contribuir para aumentar a eficácia da evidenciação contábil”.

A INFORMAÇÃO

A informação pode ser considerada como um conjunto de dados úteis e organizados com isenção de viés. A ausência de viés retira o caráter tendencioso e subjetivo da informação e corrobora a idéia de que poderá ou não servir como instrumento modificador de opinião.

A informação exerce um poder segregativo e modificador de realidades bastante significantes, pois a capacidade de obtê-la com tempestividade, clareza e confiabilidade pode fortalecer e gerar oportunidades para as organizações em um ambiente competitivo. No cenário em que se apresentam as organizações, configura-se um crescente e salutar estreitamento de relações entre áreas do conhecimento (Informática, Administração, Direito, Economia, Marketing...), as quais promovem o crescimento significativo de informações imprescindíveis à continuidade das mesmas. Segundo Beuren (1996, p. 61):

A importância crescente da informação na melhoria da capacidade de executar uma avaliação estratégica de desempenho fica evidente quando se analisa a considerável superposição de medidas e indicadores individuais que precisam ser monitorados para diferentes dimensões estratégicas. (...) a reflexão sobre o papel da informação deve ser estimulada, em todas as etapas do processo de gestão a fim de contribuir para a eficiência e eficácia da integração entre a definição, execução e avaliação da operacionalização da estratégia empresarial.

A partir do contexto apresentado, pode-se reportar à existência de dois níveis de informação constituintes do alicerce de eficiência numa organização, que são: as extrínsecas-mutáveis, oriundas do ambiente organizacional e capazes de retratar aspectos de economia, política, gestão e controle, finanças, custos, etc., bem como aquelas intrínsecas-estáveis, as quais retratam a situação financeira e patrimonial da entidade, ao refletir o trabalho desenvolvido a partir do adequado ou inadequado tratamento dispensado às informações extrínsecas. Em outras palavras, a busca por informações oportunas e fidedignas com a velocidade necessária para influenciarem nas decisões pode ser medida a partir das informações originadas pelo sistema contábil de uma entidade.

Há uma necessidade imperativa da gestão de uma organização de fomentar uma seletiva coletânea de informações-subsídio e adaptá-las segundo as suas condições e necessidades, e isto só irá acontecer se houver excelente grau de compressão do que se pretende comunicar. Para Beuren (1996, p. 54) “os gestores precisam conhecer fundamentalmente a organização que está sob a sua responsabilidade, bem como o ambiente competitivo em que ela opera a fim de avaliar os reflexos desses impactos e interações e criar o cenário para uma solução eficaz”.

O estudo da Teoria da Comunicação pode contribuir para o aperfeiçoamento da interpretação das informações obtidas externamente, e daquelas geradas pelo sistema contábil de uma entidade, visto que clareza, confiabilidade, relevância, seletividade, poder explicativo, tempestividade, custo e velocidade são características necessárias em ambos os casos. Neste sentido, Beuren afirma também: “... fica nítida a importância da informação, pois é por meio dela que os gestores conseguem identificar tanto as oportunidades como as ameaças que o ambiente oferece à empresa”.

Paiva *apud* Beuren (1996, p. 61) destaca que “a tecnologia da informação alterou o mundo dos negócios de forma irreversível...” e por isto não há mais espaço para profissionais meramente tecnicistas ou aqueles que restringem seu trabalho à contemplação de variáveis; são requisitados profissionais com novas habilidades, capazes de interagir com os usuários da

informação e que encontrem as melhores formas de transmitir a estes as variáveis responsáveis pela eficácia da comunicação.

A figura a seguir apresenta-se a figura 2, que representa de forma esquemática o fluxo das informações no atual contexto empresarial, as quais dão base ao processo de comunicação contábil:

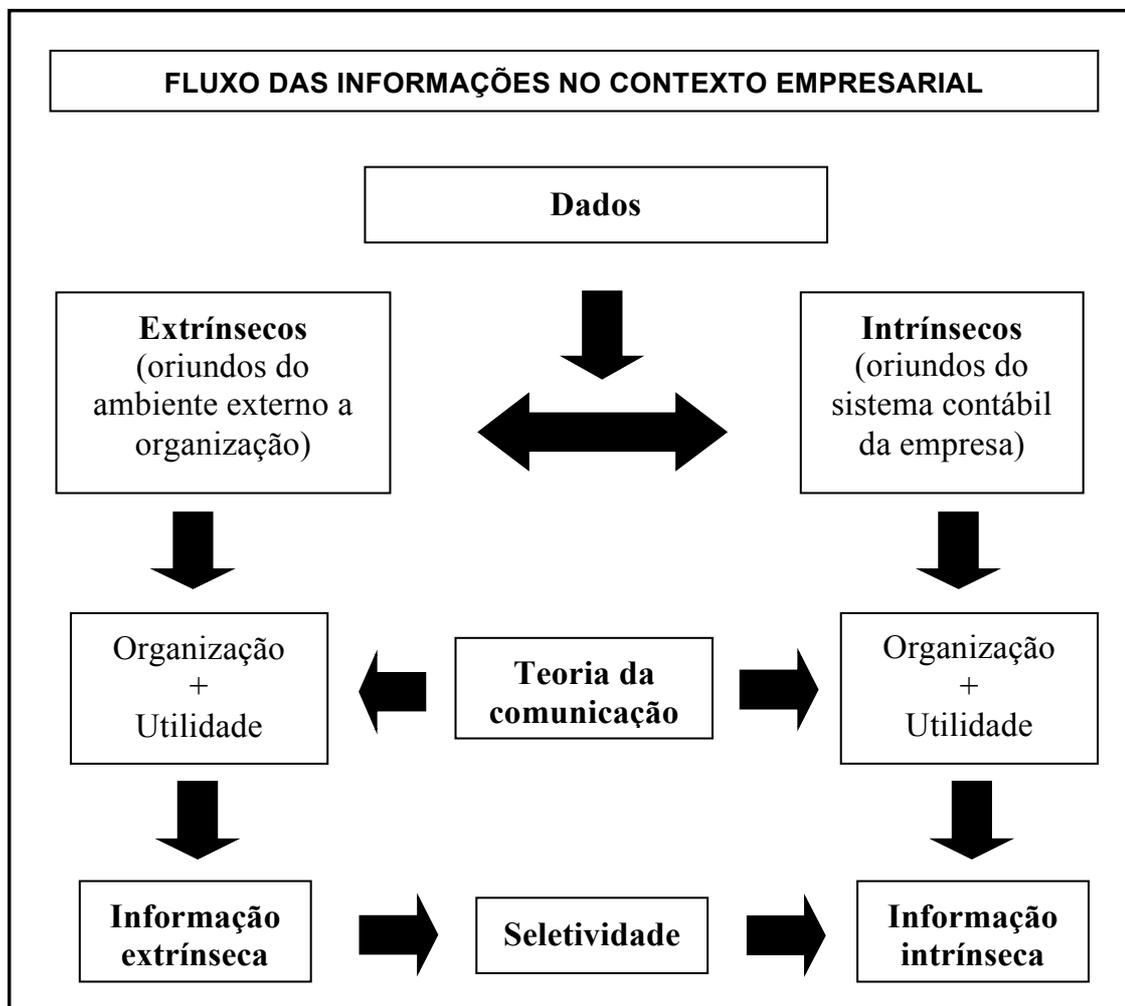


Figura 2 – Fluxo de informações no contexto empresarial

Fonte: Elaborado pelos autores.

A COMUNICAÇÃO CONTÁBIL

A Contabilidade é caracterizada pela Teoria da Comunicação como um sistema integrado de informações. Desta forma, faz-se necessário procurar adequá-la às condições estabelecidas por esta teoria, a fim de garantir a fidedignidade esperada das informações, pelo menos ao nível de semântica e sintaxe, ou seja, é imprescindível a compreensão do exato sentido da informação contábil por parte do receptor.

Guagliardi *apud* Libonati e Souto Maior (1996, p. 234), ao estudar a Teoria Contábil a partir da abordagem da Teoria da Comunicação, comenta:

Utilizando o conceito de comunicação na Contabilidade, o Sistema de Informação Contábil seria a fonte que possibilita à empresa através de sua

administração, ser o emissor. Os usuários seriam os receptores, o canal de comunicação utilizaria como meio as demonstrações contábeis.

Segundo Hendriksen e Van Breda (1999, p. 511), “a divulgação financeira deve fornecer informação útil à tomada de decisões racionais de investimento, concessão de crédito etc. por investidores e credores atuais e futuros, bem como outros usuários”; pela afirmação do autor, corrobora-se a idéia de a Contabilidade se encontrar diante de uma questão bastante salutar: a informação produzida deve ser claramente transmitida, pois determina o futuro das entidades e dos seus usuários.

A questão levantada no parágrafo anterior tira o enfoque direcionado densamente ao usuário e traz a responsabilidade para o codificador, no caso o contador, por eventuais falhas no processamento da mensagem, ou seja, das demonstrações elaboradas e relatórios produzidos.

Toda informação contábil está sujeita à ação de fatores externos e internos que podem comprometer sua clareza, dentre os quais, vale destacar os termos estritamente técnicos, usados pelos profissionais da área contábil, e certos estrangeirismos produtores de ruídos por consubstanciarem decisões tomadas equivocadamente e, por conseguinte, fatos que não deveriam acontecer.

As informações prestadas pela contabilidade devem ser úteis e chegar junto aos seus usuários a tempo de influenciar as decisões e não serem apenas dados. Esta distinção é apresentada por Hendriksen e Van Breda (1999, p. 99), ao afirmarem: a informação é aquela possuidora de efeito surpresa, capaz de influenciar decisões, enquanto o dado é desprovido de utilidade (relevância), portanto, insuficiente para fundamentar as decisões ou escolhas cotidianas no mundo empresarial.

Sobre a informação contábil, Hendriksen e Van Breda (1999, p. 511) destacam: “podemos afirmar algumas coisas sobre divulgação com certa segurança com base nas pesquisas atuais. Há muitas outras coisas, porém, que julgamos, intuitivamente, ser apropriado divulgar, mas a respeito das quais não temos evidência sólida” e levam à reflexão acerca da evidenciação destas informações e dos fatos relevantes que envolvem as atividades empresariais, como forma de garantir a publicidade necessária e manter informados e esclarecidos os seus usuários.

A evidenciação tem sido objeto de discussões na área contábil e caracteriza-se pela publicação de informações consideradas relevantes que não aparecem explicitamente junto às demonstrações contábeis. Normalmente é feita através de notas explicativas, além de relatórios adicionais.

A Contabilidade possui um leque diversificado de usuários e por isto não deve utilizar uma linguagem restritiva a ponto de limitar ou selecionar aqueles que a compreendam, isto porque, conforme Hendriksen e Van Breda (1999, p. 512): “a responsabilidade de divulgação que identificamos é genérica, destinada a informar, em caráter geral, todos os usuários e encarregados do controle e da gestão da organização”.

Vasconcelos e Viana (2002, p. 23) corroboram a visão de Hendriksen e Van Breda, quando apontam: “o conhecimento é o contexto maior da informação. Desta forma, é imprescindível que se lance mão da reflexão sobre a qualidade do preparo do usuário (...), bem como seus interesses principais para que essa colisão de objetivos logre êxito”.

O Grupo de Trabalho de Empresas Transnacionais da Organização das Nações Unidas – ONU publicou um relatório em Nova Iorque, em 1989 (*apud* LIBONATI; SOUTO MAIOR, 1996, p. 238-41), no qual elenca quatro características qualitativas da informação contábil para tornar-se útil aos usuários:

Relevância – a informação será relevante quando for capaz de influenciar uma decisão. Devem atender ao caráter da tempestividade (informação no momento certo), da materialidade (relativa ao tamanho do item informado em termos quantitativos e o papel que esta informação pode representar) e do valor preditivo (capaz de permitir projeções a partir da informação prestada).

Compreensibilidade – será compreensível a informação, à medida que os seus usuários consigam um pronto entendimento sobre o que foi comunicado. Caracteriza-se principalmente pela clareza da informação.

Confiabilidade – é necessário que a informação contábil traga intrinsecamente a característica de ser confiável aos olhos dos usuários, isto é, represente fielmente o fato relatado, a essência do fato prevaleça sobre a forma como se dá o registro, haja neutralidade por parte de quem comunica e sem vieses para não favorecer determinados usuários em detrimento de outros.

Comparabilidade – a informação deve permitir comparação entre análises temporais ou ainda entre empresas. Tem como aspectos principais a Uniformidade (representação idêntica para eventos idênticos) e a consistência (procedimentos de mensuração idênticos em períodos diferentes e utilizados por empresas diferentes).

Iudicibus (1998, p. 76) também destaca as qualidades pertinentes e necessárias à informação contábil: “1. tempestividade; 2. integralidade; 3. confiabilidade; 4. comparabilidade; 5. compreensibilidade”, contudo, como a ênfase deste estudo baseia-se na comunicação e a ausência de qualquer uma destas características desqualifica a informação e as relega a meros dados, enquanto houver uma comunicação conturbada haverá interpretações incoerentes, pois ainda que relevante, uma informação mal comunicada fundamentará uma ineficaz tomada de decisão.

Todas estas características qualitativas necessitam ser contempladas pela informação contábil, no entanto, dado o enfoque deste trabalho, considera-se a compreensibilidade como a principal.

Para Dias Filho e Nakagawa (2001) “...a Teoria da Comunicação fornece metodologia para aprimorar a evidenciação contábil, tendo em vista as semelhanças existentes entre o processo geral de comunicação e o processo contábil”. Os autores destacam ainda:

De acordo com Bierman e Drebin (1979), os componentes do modelo geral de comunicação podem ser visualizados da seguinte forma num sistema contábil: os eventos econômicos constituem a fonte básica da informação, o contador atua como transmissor, após observar tais eventos e codificá-los para formar os relatórios contábeis, os quais, por sua vez, representam o canal desse tipo de comunicação. (DIAS FILHO; NAKAGAWA, 2001).

A PREOCUPAÇÃO COM A CLAREZA DA INFORMAÇÃO CONTÁBIL

Desde 1920, quando o Instituto Americano de Contadores Públicos Certificados – AICPA constituiu o primeiro Comitê de Terminologia, com o objetivo de reunir um conjunto de palavras e expressões que eram comumente utilizadas pela contabilidade e fixar significados mais concisos para cada uma delas, bem como quando da atenção voltada a problemas de semântica e questões de uniformidade, até a grande evolução das evidenciações das companhias abertas brasileiras, pôde-se constatar a necessidade crescente da realização de pesquisas contábeis que enfoquem a abordagem da Teoria da Comunicação.

Trabalhos publicados em anais de congressos, artigos publicados na Internet e em periódicos especializados, trabalhos monográficos e informações inseridas nos livros, aludem sobre a necessidade de uma Contabilidade como fonte eficaz para tomada de decisões e fomentam a pesquisa na busca da diminuição dos ruídos que comprometem a harmonia da relação estabelecida entre os elementos de comunicação retromencionados.

A Contabilidade, considerada pela Teoria da Comunicação como Sistema de Informações da entidade, deve refletir com a máxima clareza todas as informações necessárias aos seus usuários, a fim de que possa cumprir adequadamente o seu papel na produção de informações e comunicação das mesmas. Os ruídos da comunicação contábil, a exemplo do uso demasiado de termos técnicos e estrangeirismos, dificultam a interpretação das informações e acabam por comprometer o *feedback*, ou seja, a tomada de decisão dos seus usuários. Conforme Vasconcelos e Viana (2002, p. 21) “... de nada adianta a posse da tecnologia se a informação não é entendida, muito menos compartilhada, assim como se sabe que a informação não produzirá efeitos se não existir uma mentalidade focada na direção da informação...”.

Libonati e Souto Maior (1996, p. 247-48) elencaram alguns ruídos presentes no processo de comunicação contábil:

Terminologia contábil – a Contabilidade utiliza termos técnicos que não produzem uma adequada compreensão da informação pelos usuários.

Quantidade de informação divulgada – como o limite de divulgação das informações contábeis é muito subjetivo, corre-se o risco de, ao sumarizar aquelas consideradas relevantes e úteis, omitir informações importantes e, ao mesmo tempo, prestar informações inúteis, que provocam a “diminuição da eficiência da análise” por parte dos usuários.

Capacidade de entendimento – o pouco conhecimento da matéria contábil por uma parcela de usuários provoca dificuldades na compreensão da mensagem.

Além destes ruídos apresentados pelos autores, pode-se acrescentar ainda a utilização de **termos e expressões em outros idiomas** (denominados estrangeirismos), utilizados em relatórios contábeis sem o devido esclarecimento do significado aos usuários.

A figura a seguir apresenta os ruídos presentes na comunicação contábil:

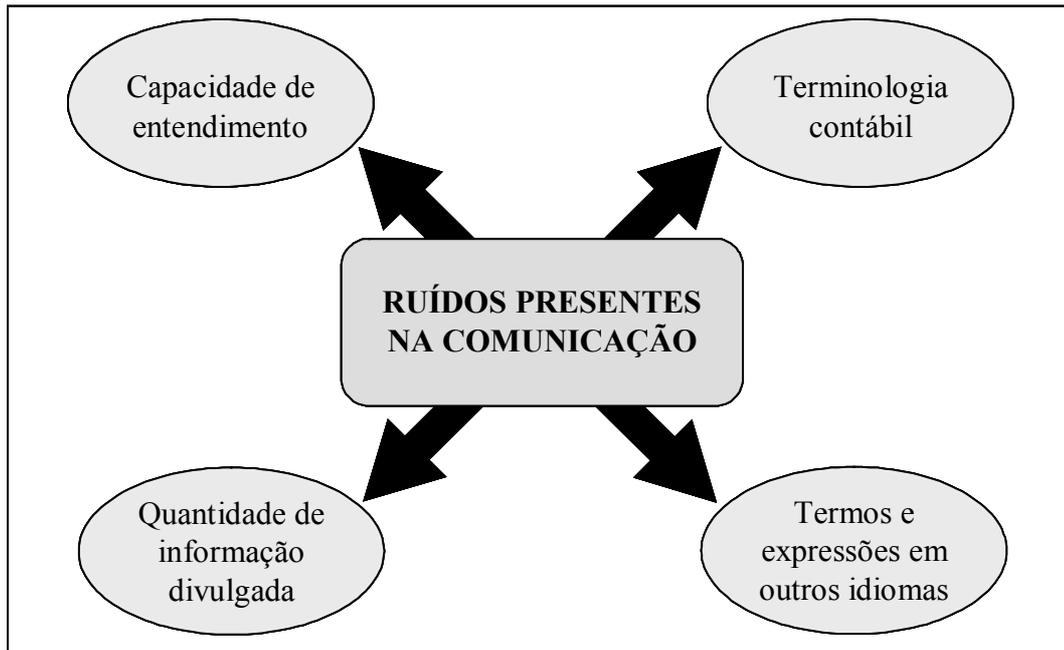


Figura 3 – Ruídos presentes na comunicação contábil.

Fonte: Elaborado pelos autores.

DESAFIOS PARA A DIMINUIÇÃO DOS RUÍDOS NA COMUNICAÇÃO CONTÁBIL

Alguns estudos vem sendo realizados no sentido de buscar corrigir os ruídos da informação no processo de comunicação contábil.

Libonati (*apud* LIBONATI; SOUTO MAIOR, 1996, p. 242-43), apresentou durante o I Encontro Nordestino de Contabilidade, realizado em Olinda, em outubro de 1993, um trabalho intitulado “Taxionomia contábil: uma proposta de classificação relacionada aos objetivos específicos dos usuários da Contabilidade”, no qual faz uma classificação dos usuários da Contabilidade em dois grandes grupos:

O primeiro grupo é definido em função da localização, sendo classificados como internos e externos.

O segundo grupo, por sua vez, é definido por níveis de conhecimento, com a classificação de usuários especialistas (com conhecimento de Contabilidade) e leigos (sem conhecimento de Contabilidade).

O autor faz o seguinte comentário sobre a classificação criada:

A partir desta classificação é possível identificar qual o nível de conhecimento e a localização dos usuários, identificando quais as medidas a serem tomadas para que as informações contábeis sejam utilizadas adequadamente....., portanto o nível do conhecimento do usuário tem de ser suficiente para que este compreenda satisfatoriamente a informação e com isto, a comunicação da disciplina será melhorada sensivelmente. (LIBONATI *apud* LIBONATI; SOUTO MAIOR, 1996, p. 243).

O estudo apresentado por Libonati representa uma tentativa significativa para a resolução de alguns dos problemas de ordem semântica que atingem a Contabilidade, por sugerir o uso dos estudos taxionômicos, que tem como objeto a classificação das palavras, para trazer maior clareza à nomenclatura utilizada no processo comunicacional contábil.

Outro problema no qual pode ser aplicado o uso da Taxionomia é a utilização de expressões em outros idiomas, cujo processo de eliminação pode ser objeto de pesquisa quanto à adequada nomenclatura taxionômica a ser dada ao significado dentro do idioma do país.

CONCLUSÃO

O processo de comunicação contábil ainda apresenta ruídos que dificultam consideravelmente o entendimento das informações produzidas. Os usuários possuem restrições quanto ao entendimento especializado dos relatórios, motivo pelo qual deve-se buscar cada vez mais a clareza na produção destes, para produzir menos ruídos e maior fidelidade.

A quantidade de informação divulgada tem sido objeto de apreciação pelos órgãos de classe, através da normalização dos aspectos relevantes que devem ser divulgados nos relatórios contábeis, cujo aperfeiçoamento destas normas contribui cada vez mais para a correta evidenciação.

Para que este processo comunicacional entre a contabilidade e os seus usuários seja mais adequado, a linguagem contábil utilizada ainda necessita de maior clareza para que, ao considerar as dificuldades de entendimento por uma parcela dos usuários, as informações possam ser transmitidas de forma mais transparente.

Neste sentido, as características qualitativas da informação contábil recomendadas pelo Grupo de Empresas Transnacionais da ONU, mencionadas neste trabalho, servem de parâmetro para que a informação transmitida chegue ao usuário de forma compreensível, possa ser comparada, seja confiável e, principalmente, relevante para subsidiar as decisões.

Espera-se que este trabalho possa motivar a realização de estudos mais aprofundados sobre a comunicação contábil, a fim de que os esforços para publicação das informações não sejam perdidos por tê-las relegado à evidenciação de meros dados agregados.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALVES, Francisco José dos Santos. Tecnologia da informação e seu impacto no trabalho do auditor **Pensar Contábil**. Rio de Janeiro, ano 2, n. 4 abr./jun. 1999. pp.14-19.

ATKINSON, Anthony A. et. al. **Contabilidade gerencial**. tradução André Olímpio Mosselman Du Chenoy Castro; revisão técnica Rubens Famá. 1. ed., São Paulo: Atlas, 2000.

BERLO, David K. **O processo da comunicação**: introdução à teoria e prática. Trad. Jorge Arnaldo Fontes. Revisão técnica: Irami B. Silva. 8. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BEUREN, Ilse Maria. A informação como suporte ao processo de avaliação do desempenho da estratégia empresarial. **Revista Brasileira de Contabilidade**. Brasília, ano 25, n. 102, set./out. 1996. pp. 52-63.

DIAS FILHO, José Maria; NAKAGAWA, Masaiuki. A informação contábil e a ordem social: uma contribuição das teorias semióticas e da comunicação. In: SEMINÁRIO USP DE

CONTABILIDADE, 1, 2001, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FIPECAFI/FEA/USP, 2001. 1 CD-ROM.

_____; _____. Análise do processo da comunicação contábil: uma contribuição para a solução de problemas semânticos, utilizando conceitos da teoria da comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CONTABILIDADE, 16, 2000, Goiânia. **Anais...** Brasília: Conselho Federal de Contabilidade, 2000. 1 CD-ROM.

FRANCO, Hilário. **A contabilidade na era da globalização: temas discutidos no XV Congresso Mundial de Contadores em Paris, 26 a 29-10-1997.** 1. ed., São Paulo: Atlas, 1999.

HENDRIKSEN, Eldon S.; VAN BREDA, Michael F. **Teoria da contabilidade.** Tradução Antônio Zoratto Sanvicente. 1. ed., São Paulo: Atlas, 1999.

HORNGREN, Charles T.; FOSTER, George; DATAR, Srikant M. **Contabilidade de custos.** Tradução José Luiz Pavarato; revisão técnica Luiz Henrique Baptista Machado. 9. ed., Rio de Janeiro: LTC Editora, 2000.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Teoria da contabilidade.** 5. ed., São Paulo: Atlas, 2000.

IUDÍCIBUS, Sérgio de; MARTINS, Eliseu; GELBCKE, Ernesto Rubens. **Manual de contabilidade das sociedades por ações.** 5. ed., São Paulo: Atlas, 2000.

LIBONATI, Jeronymo José; SOUTO MAIOR, Verônica Cunha. O papel da comunicação na contabilidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CONTABILIDADE, 15, 1996, Fortaleza. **Anais...** Brasília: Conselho Federal de Contabilidade, 1996. v. 4. p. 230-254.

MONTORO, André Franco. **Semiótica e teoria da linguagem.** Curso de teoria geral do direito, Aula 2. Disponível em: <<http://www.dialdata.com.br/ilam/aula201.htm>>. Acesso em 05 ago. 2003.

PEAD. Português: ensino à distância. **Vocabulário e leitura do mundo.** Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.pead.letras.ufrj.br/tema10/por-tm10.html>>. Acesso em 16 dez. 2003.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica.** 3. ed., São Paulo: Perspectiva, 2000.

VIANA, Aurelina Laurentina; VASCONCELOS, Yumara Lúcia. Evidenciação: forma e qualidade. **Revista Brasileira de Contabilidade.** Brasília, ano 31, n. 134, mar./abr. 2002. pp. 21-29.

WERNKE, Rodney. Relatórios gerenciais para empresas varejistas com ênfase na margem de contribuição. **Revista Brasileira de Contabilidade.** Brasília, ano 28, n. 119, set./out. 1999. pp. 90-97.